

O discurso da nova direita e o governo Bolsonaro: ações a favor de uma educação neoconservadora

The discourse of the new right and the Bolsonaro government: actions in favor of a neoconservative education

Roberta Valéria Guedes de Lima

Resumo

O presente artigo tem como temática o discurso da Nova Direita e as ações do governo Bolsonaro a favor de uma Educação Brasileira Neoconservadora. A problemática que norteia o estudo é: quais são os atores sociais que compõem a Nova Direita e como o seu discurso neoconservador tem influenciado as políticas educacionais implantadas pelo governo Bolsonaro? Tem como objetivo geral apresentar o que é a Nova Direita e o que defendem como ideologia para a Educação brasileira. Em relação à metodologia, o estudo é de abordagem qualitativa e utiliza como procedimento a pesquisa bibliográfica. Conclui que, a Nova Direita brasileira e o governo Bolsonaro, seu maior representante político, impetram a Educação um discurso de: exclusão e intolerância, de apelo ao nacionalismo e à homogeneidade, onde saber ler, escrever, fazer conta e atender as habilidades exigidas pelo mercado bastam para a formação da classe trabalhadora, do moralismo religioso cristão, da defesa da propriedade privada e do combate ao comunismo.

Palavras-chave: Nova Direita. Educação Brasileira. Políticas Educacionais.

INTRODUÇÃO

O final do século XX foi marcado por uma onda conservadora que tem reverberado, em todo mundo, com grande impacto no cenário educacional e político brasileiro, com ideias aguerridas por atores sociais, de filosofia liberal, que defendem um levante da Nova Direita e que endemonizam as escolas e seus professores, em nome de uma formação intelectual que materializa processos de exclusão, tais como a aporofobia e a homofobia, e uma educação apartidária, sem doutrinação e livre de ideologias, como, por exemplo, o Movimento da Escola sem Partido, além da supervalorização da meritocracia.

Corroborando a defesa desta formação, acrescenta-se, ainda, ao discurso da

Nova Direita, a defesa da desescolarização, como exemplo o *homeschooling*, e o ataque à Educação pública, em todas as suas esferas, desacreditando a perspectiva de uma educação como direito subjetivo de responsabilidade do Estado, em nome da subserviência à globalização capitalista neoliberal.

O presente artigo tem como temática o discurso da Nova Direita e as ações do governo Bolsonaro a favor de uma Educação Brasileira Neoconservadora. Tem como objetivo geral apresentar o que é a Nova Direita e o que defendem como ideologia para a Educação brasileira. Para tanto, trata como objetivos específicos: explicar a gênese do conceito de Nova Direita e do pensamento neoconservador, mostrar quem são os atores que compõem esse movimento social e discutir o pensamento da Nova Direita sobre a Educação.

A problemática que norteia o estudo é: quais são os atores sociais que compõem a Nova Direita e como o seu discurso neoconservador tem influenciado as políticas educacionais implantadas pelo governo Bolsonaro? A hipótese levantada é que a Nova Direita é composta por políticos conservadores e neoconservadores, os quais defendem ideias pautadas nos “ditos valores morais cristãos” e que se unem em pautas comuns. Assim, elegeram e estão unidos ao governo do atual presidente Jair Bolsonaro, para fomentar sua ideologia, manter o *status quor* de uma elite historicamente dominante no Brasil e se utilizam da Educação como instrumento de manipulação, massificação e doutrinação do povo, submetendo-o a cegueira política e sobre o seu controle para atender interesses do capital neoliberal.

O estudo justifica-se pela importância de promover discussões científicas que fomentem, a partir de uma reflexão sobre o contexto da social e educacional, um campo de tensão e de formação de sujeitos que sejam capazes de resistir ao processo de alienação, massificação e de adaptação cega à ordem estabelecida pelo governo brasileiro e pela Nova Direita e, assim, despertar o envolvimento e a participação efetiva de amplos segmentos e movimentos sociais que se unam para romper com a ideologia neoliberal e de extrema direita, potencializando novos atores políticos que consigam chegar ao poder, por meio de processos eleitorais em 2022, sendo retomado os direitos, as políticas sociais e a alteração da ordem societária brasileira.

Assim, é preciso romper com a pedagogia do medo e da mentira, implantada pelo governo Bolsonaro e seus apoiadores da Nova Direita, para defender os direitos democráticos da nação brasileira.

Em relação à metodologia, o estudo é de abordagem qualitativa e utiliza como

procedimento a pesquisa bibliográfica. Neste sentido, a abordagem qualitativa apresenta o caráter histórico-estrutural-dialético, não permanecendo somente na compreensão dos significados que surgiam dos pressupostos, mas buscando as raízes desses pressupostos, bem como “as causas de sua existência, suas relações num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico, tratando de explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana e de seus diferentes significados no devir dos diversos meios culturais” (TRIVIÑOS, 1987, p. 130).

Sobre a pesquisa bibliográfica, foram consultadas várias literaturas relativas ao assunto em estudo, artigos publicados na internet e que possibilitaram que este trabalho tomasse forma para ser fundamentado. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento da bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como primeiro passo de toda a pesquisa científica.

O artigo está organizado nas seguintes seções: Direita, Esquerda e a gênese da Nova Direita, Conservadorismo e Neoconservadorismo e O pensamento da Nova Direita sobre a Educação.

DIREITA, ESQUERDA E A GÊNESE DA NOVA DIREITA

Para que se possa entender o que é a Nova Direita, é preciso construir uma análise histórica dialética do que são direita e esquerda e suas ideologias. Bobbio (1995) entende que a direita, onde podem caber e couberam historicamente muitas vertentes políticas particulares, orienta-se pelo reconhecimento da desigualdade como ordem natural e limite de toda ação política, além do conservantismo¹. Assim, a direita inclui correntes mais radicais, tais como: nazismo, fascismo, reacionários, autoritários, conservadores até as posições mais progressistas do liberalismo clássico de tipo humanista. Ao analisar a direita, percebem-se diferenças nos modelos, mas percebe-se, também, que é comum pautarem-se na aceitação e/ou defesa da

¹ O conservantismo é uma proposta de sociabilidade. [...] é uma combinação de práticas (de distinção, hierarquização, desprezo, humilhação, intolerância, agressão, profilaxia, segregação), de discursos espontâneos e discursos doutrinários abrangendo a esfera pública e a vida privada, de soluções políticas e econômicas, mas também de restauração moral, de racionalizações e afetos, princípios e estereótipos, fantasmas e preconceitos girando em torno ou nascendo em raio de uma obsessão identitária [...] (PIERUCCI, 1990, p.10).

desigualdade de acesso ao poder político e à inclusão como cerne da vida social. Portanto, a direita move-se por outros ideais que envolvem

o individualismo, a supremacia da propriedade privada e da livre iniciativa, a intuição, a primazia do sagrado, a valorização da ordem e da tradição, o elogio da nobreza e do heroísmo, a intolerância à diversidade étnica, cultural e sexual, o militarismo e a defesa da segurança nacional, o crescimento econômico em detrimento da preservação ambiental e dos interesses imediatos dos trabalhadores, o anticomunismo e a identificação permanente com as classes superiores da sociedade (MESSENERG, 2017, p. 622).

No parlamento brasileiro, os parlamentares de legendas de centro e centro-direita formam um bloco informal, autodenominado de Centrão, e se articulam para votar da mesma maneira sobre um determinado projeto. Entre esses partidos estão: PP, PL, Republicanos, Solidariedade, PTB, PSD, MDB, PROS, PSC, Avante e Patriota. A origem do termo "Centrão" surgiu na Constituinte de 1988 e se referia a um grupo de congressistas que formou uma maioria capaz de mudar o jogo no Congresso, por meio de alianças de interesse próprio. O objetivo era combater as propostas mais progressistas na redação da nova Constituição. O atual Centrão surgiu em 2014, sob o comando do então líder do MDB na Câmara, Eduardo Cunha (RJ), preso por corrupção na Operação Lava Jato (Carta Capital, 2018), e apresenta como ideologia marcante, na grande maioria dos partidos do bloco que compõem, principalmente, as

bancadas evangélica², da bala³ e a ruralista⁴, o discurso de extrema direita.

Já a esquerda seria orientada pelo desejo de superar essa ordem, para tanto tensiona posições e conceitos fundantes sobre a igualdade *versus* a desigualdade, a liberdade *versus* a hierarquia, a participação democrática *versus* a manutenção da ordem pelo *status quor*, o autoritarismo e o totalitarismo, a reforma *versus* revolução, a filosofia liberal *versus* as perspectivas orgânico-coletivistas e a via intermediária proposta pelo modelo da social-democracia (BOBBIO, 1995). Assim, na esquerda,

dá-se o primado do igualitarismo sobre os direitos da propriedade e do livre comércio, o racionalismo, o laicismo, a crítica das limitações ético-religiosas, a inexistência de conceitos absolutos de bem e mal, o desprezo à oligarquia, a preservação do meio ambiente e os interesses dos trabalhadores, que devem prevalecer sobre a necessidade de crescimento econômico, o antifascismo e a identificação permanente com as classes inferiores da sociedade (MESSENERG, 2017, p. 622).

Como extrema direita⁵, entende-se uma ideologia alicerçada no apelo a um discurso de ordem moral, pautado nos valores tradicionais, em defesa da família patriarcal e da recomposição do tecido social mantendo o *status quor* de uma elite

² Bancada Evangélica: Os evangélicos começaram a se envolver na política brasileira na década de 1960, por meio da denominação O Brasil para Cristo, que à época, elegeu um deputado federal em 1961 e um estadual em 1966. As igrejas evangélicas só passaram a ter presença efetiva em nosso sistema político na década de 1980, com uma maior inclusão de parlamentares cristãos em 1986, com o fim do Regime Militar e início da Constituinte. Naquele período, a Igreja Assembleia de Deus foi a força propulsora da organização política dos evangélicos, se organizando desde a cúpula para lançar um deputado em cada unidade da federação. Emplacando o slogan “Irmão vota em irmão”, as igrejas evangélicas (em sua maioria pentecostais), entraram de “corpo e alma” no jogo político. A formação de uma Bancada Evangélica só viria a preeminência no cenário político nacional no início da década de 1990, quando a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) formulou um plano político estruturado fazendo uma interface entre a Igreja e a Política por meio da aquisição (1989) da Rede Record de Televisão e Rádio e de sua utilização como ponte de comunicação com as massas. Por meio dos programas da TV Record os pastores midiáticos representantes da IURD e de outros grupos pentecostais e neopentecostais (como Silas Malafaia), começaram a abordar mais fortemente pautas políticas. A partir de 2003, esse processo se intensificou com a fundação da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional – FPE (popularmente conhecida como Bancada Evangélica). A Frente Parlamentar Evangélica emerge defendendo seus principais interesses: a manutenção de seus privilégios – isenção tributária e concessões de TVs e rádios e o avanço de pautas conservadoras, como a proibição do aborto (mesmo para os casos legalmente previstos pela Constituição), a proibição da discussão sobre gênero, prevenção da homofobia nas escolas e o retrocesso de direitos de grupos vulneráveis, como os travestis e transexuais (DANTAS, 2011).

³ Bancada da bala é um termo usado para referir-se à frente parlamentar composta por políticos que defendem o armamento civil, flexibilização de leis relacionadas a armas e contra políticas desarmamentistas (Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509963/noticia.html?sequence>).

⁴ Bancada Ruralista: A bancada ruralista, ou Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), é uma das maiores e mais atuantes bancadas da Câmara dos Deputados. Eles representam os interesses dos grandes produtores rurais e latifundiários. Costumam articular-se para pautar assuntos da agenda política a ser discutida na Câmara e votar em peso temas de seu de seu interesse. É considerada a mais influente nas discussões, articulações e negociações de políticas públicas no âmbito do Poder Legislativo. defende políticas públicas de estímulo ao agronegócio. De modo geral, reivindica a ampliação do financiamento rural e a flexibilização da legislação trabalhista e criticam as legislações ambientais e a reforma agrária (Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/coluna/atualidades-vestibular/o-poder-da-bancada-ruralista-no-congresso/>).

⁵ Neste artigo a autora utilizará o termo “Nova Direita” como concepção de Extrema Direita.

burguesa branca. A extrema-direita tem sua gênese na esteira expansionista do neoliberalismo, momento final da onda utópica do socialismo real e atualização das fronteiras entre os campos da direita e da esquerda; prega a tradição, a recusa da modernidade, tem uma visão dogmática pouco afeita a questionamentos críticos, suspeição à inovação, acredita na naturalização das diferenças sociais e econômicas, no elitismo e na beligerância (ECO, 1995) levando a ter marcas indeléveis de convicções de cunho segregador e autoritário.⁶ Para Castells (2018), a emergência da nova ou extrema direita está diretamente associada ao colapso da democracia liberal e suas formas de fazer política.

O colapso da democracia liberal advém, na perspectiva das análises de Eric Hobsbawm, István Mészáros, David Harvey, dentre outros autores, do modo mediante o qual o capitalismo enfrenta a crise estrutural do sistema capital. Uma crise, como nos indica Mészáros, que é universal, no sentido que atinge todas as esferas da vida; global, porque é sistêmica e não mais localizada apenas em regiões, mas mundial; e não é mais cíclica, mas permanente. A emergência de governos de extrema direita em diferentes partes do mundo resulta do que Marx e Engels já identificavam, em meados século XIX, como sendo a contradição fundamental do capital: a capacidade exponencial de potencializar forças produtivas e de concentrar propriedade e riqueza e a incapacidade crescente de socializar ou dar acesso à produção. Como nos indica Hobsbawm, o problema não é a produção, mas a distribuição. E isso só se faz mediante políticas da esfera pública. O que menos conta hoje na produção, como sublinha esse autor, é o fator humano. O capital apropriou-se da ciência privadamente, quando na verdade ela é um bem comum da humanidade, assim como o é a terra, a água, os bens minerais, etc. Vivemos, então, num tempo histórico em que o capital nega, ao mesmo tempo, a maioria da classe trabalhadora que tenha propriedade como valor de uso e, também, nega o emprego, pois precisa cada vez menos de trabalhadores em todas as esferas da produção. Em uma situação como esta ou se criam empregos na esfera pública ou se utilizará a violência do Estado, eliminando, de diferentes formas, forças produtivas, em particular o trabalho humano. O Brasil é hoje, como indica numa recente entrevista Michael Löwy, o país que tem o governo de extrema direita com características mais claras de neofascismo. Um governo que reúne a estupidez, a insensatez e a insanidade. A primeira, pelo fundamentalismo econômico com a política de privatizar tudo e entregar tudo ao mercado e ao capital; a segunda se expressa pelo fundamentalismo político, que trata os adversários, os movimentos sociais e políticos, que lutam por direitos e pensamento divergente, como inimigos a serem abatidos; e a insanidade, que resulta das duas anteriores, que é o de armar a população e de utilizar a violência do Estado como estratégia contra as populações pobres, em especial

⁶ O autor aponta ainda: a mobilização da frustração e da ideia de complô, a positividade da figura heroica, o menoscabo de gênero e a recusa da sexualidade não tradicional, o “populismo qualitativo” e a “novilíngua” (ECO, 1995).

jovens e negros. A insanidade também engloba o fundamentalismo religioso, que submete a esfera pública ao mundo privado da religião e a ciência, à crença. A crise da democracia liberal, portanto, tem sua raiz fundamental na forma como o capital enfrenta a sua crise estrutural, eliminando direitos, retomando políticas de expropriação e contendo a pobreza e o desespero que ela produz, pela violência (FRIGOTTO, 2020, p.2).

Historicamente, a extrema direita teve seu ápice a partir de 1930, na Europa, com o regime nazista totalitário, na Alemanha, do governo de Hitler, e com o fascismo, na Itália, do governo de Mussolini. Naquele contexto, a ideologia pregada pelos líderes do movimento era um clamor populista, centrado na solução de problemas econômicos. Assim, os partidos de extrema direita são: conservadores, elitistas, exclusivistas e alimentam noções etnocênicas.

Dentre os regimes políticos de direita que se apresentam com características conservadoras destacam-se: o autoritário e o totalitário. O regime autoritário tem a característica de ser antidemocrático, com uma proximidade ao regime totalitário, no qual as liberdades individuais são restritas para assegurar a ordem do Estado e usa da censura e da repressão para manter essa “ordem”, fato clarificado nos países de regime ditatorial. O regime totalitário é mais rígido que o autoritário. Tanto o regime autoritário como o totalitário possuem três aspectos primordiais: uma ideologia oficial, o uso da coerção e o fato de serem direcionados por um único grupo/partido. Um exemplo disso são o nazismo e o fascismo (MALLMANN, BALESTRIN; SILVA, 2017)

Na Europa, por exemplo, a atual extrema-direita é heterogênea, sendo formada por partidos abertamente neonazistas, como o Aurora Dourada, na Grécia; outro exemplo são as forças burguesas integradas ao partido suíço União Democrática do Centro ou Partido Popular Suíço - UDC. O que eles têm em comum é o seu nacionalismo chauvinista⁷ — e, portanto, oposição à globalização “cosmopolita” e a qualquer forma de unidade europeia, xenofobia, racismo, ódio a imigrantes e ciganos.

⁷ Segundo o dicionário de Política de Norberto Bobbio, Chauvinismo é o sentimento ultranacionalista de certos grupos, que os leva a odiar as minorias e a perseguir estrangeiros. Sentimento expresso de alguém cegamente patriota ou rigidamente convencido da superioridade do grupo a que pertence. O termo deriva de Nicolas Chauvin, um soldado do exército napoleônico, cuja história verdadeira misturou-se à lenda de uma forma inseparável. Chauvin, que sentou praça ainda adolescente, lutou em diversas campanhas e ficou severamente mutilado, depois de ser ferido 17 vezes em combate. Por sua bravura, o nome de Chauvin, que foi condecorado pessoalmente por Napoleão, era visto como um símbolo do soldado francês valoroso. No entanto, à medida que várias peças do teatro cômico e de vaudeville começaram a ridicularizar o personagem, apresentando-o como ingênuo e fanático, o termo foi adquirindo o valor negativo que tem hoje. Modernamente, o chauvinismo está associado ao sentimento ultranacionalista de certos grupos, que os leva a odiar as minorias e a perseguir estrangeiros.

São favoráveis a medidas autoritárias contra a “insegurança” (usualmente associada a imigrantes), por meio do aumento da repressão policial, penas de prisão e pela reintrodução da pena de morte. A orientação reacionária nacionalista, na maioria das vezes, é “complementada” com uma retórica “social”, em apoio às pessoas simples e à classe trabalhadora (branca) nacional. Em outras questões — por exemplo, neoliberalismo, democracia parlamentar, antissemitismo, homofobia, misoginia ou secularismo — esses movimentos são mais divididos (LÖWY, 2015).

Ainda, pode-se acrescentar que, na Europa, é possível identificar, enquanto tipologia da extrema-direita, pelo menos três tipos diferentes: Partidos de caráter diretamente fascista e/ou neonazista, Partidos semifascistas e Partidos de extrema-direita que não possuem origens fascistas, mas compartilham do seu racismo, xenofobia, retórica anti-imigrante e islamofobia. Vejamos:

I. Partidos de caráter diretamente fascista e/ou neonazista: por exemplo, o Aurora Dourada, da Grécia; o Jobbik, da Hungria; o Setor Direito, da Ucrânia; o Partido Nacional Democrata, na Alemanha; e várias outras forças menores e menos influentes. Aqui também se incluiria a recente criação atípica francesa “nacional-socialista” e antissemita Reconciliação Nacional (Alain Soral).

II. Partidos semifascistas, isto é, com raízes e fortes componentes fascistas, mas que não podem ser identificados com o padrão fascista clássico. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015 655 É o caso, em diferentes formas, da Frente Nacional, da França; do FPÖ, da Áustria; e do Vlaams Belang, da Bélgica, entre outros. Seus líderes fundadores tinham ligações estreitas com o fascismo histórico e com as forças que colaboraram com o Terceiro Reich, e vários de seus quadros não escondem a nostalgia pelo passado fascista. Mas suas lideranças atuais tentam “modernizá-los”, apresentando uma imagem mais “respeitável”, por exemplo, substituindo antissemitismo por islamofobia. Por razões que explicaremos adiante, consideramos o conceito de “populismo” como totalmente inadequado para caracterizar esses partidos.

III. Partidos de extrema-direita que não possuem origens fascistas mas compartilham do seu racismo, xenofobia, retórica anti-imigrante e islamofobia. Exemplos são a italiana Lega Nord, o suíço UDC (União Democrática do Centro), o britânico Ukip (Partido de Independência do Reino Unido), o holandês Partido da Liberdade, o norueguês Partido Progressista, o Partido dos Verdadeiros Finlandeses (True Finns) e o Partido do Povo Dinamarquês. Os Democratas Suecos são um caso intermediário, com origens claramente fascistas (e neonazistas), mas que têm feito grandes esforços, desde os anos 1990, para apresentar uma imagem mais “moderada”. Como em todas as tipologias, a realidade é mais complexa, e algumas dessas formações políticas parecem tomar parte de vários tipos diferentes. É preciso também levar em conta que isso não é uma estrutura estática, mas sim em constante movimento. Alguns desses partidos parecem mover de um tipo a outro. No momento, há somente um exemplo na

Europa de um partido fascista tornando-se um partido de direita “normal”: o italiano Aliança Nacional, de [Gianfranco] Fini. Não se pode excluir a possibilidade que outros partidos similares sigam esse caminho, mas, por ora, não existem sinais de tal desenvolvimento (LÖWY, 2015, p.654-655).

Segundo Löwy (2015), enquanto na Europa existe, em vários países, uma continuidade política e ideológica entre movimentos neofascistas atuais e o fascismo clássico dos anos 1930, no Brasil, este fato não pode ser relatado. O fascismo brasileiro, chamado integralismo, foi difundido nos anos de 1930, inclusive promovendo o golpe do Estado Novo, em 1938. Mas a extrema-direita brasileira atual tem pouca relação com essa matriz antiga; grupos neofascistas existem, porém são marginais e estão velados em guetos específicos com maior propensão no sul e sudeste do Brasil e sem ser possível comparar com a Aurora Dourada grega ou a Frente Nacional francesa (LÖWY, 2015).

Outro destaque é que não é possível afirmar que existem, no Brasil, partidos de massa tendo o racismo como discurso direto de defesa (LÖWY, 2015). Ainda, o tema da luta contra a corrupção não é específico da extrema-direita, que neste estudo designa-se de “Nova Direita”, mas tem sido demagogicamente usado, por setores conservadores, na Europa e, sobretudo, no Brasil, em nome de “valores tradicionais de defesa a Pátria Amada”, em especial, nos últimos anos, pelo governo Bolsonaro e seus seguidores. Entenda-se que, no Brasil, há uma tradição, desde os anos 1940, dos conservadores combaterem à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e, segundo o caso, legitimar golpes militares ferindo, assim, uma possível política pautada no regime democrático.

O que é comparável na extrema-direita francesa e brasileira; por isso, destaca-se no estudo esta comparação. São dois temas de agitação sociocultural do conservadorismo mais reacionário: a ideologia repressiva, o culto da violência policial, o chamado a restabelecer a pena de morte: é o caso, na Europa, da extrema-direita e, no Brasil, da “bancada da bala”, representada no Congresso e a intolerância com as minorias, em particular com as causas dos homossexuais. O elemento mais preocupante da extrema-direita conservadora no Brasil, que não tem um equivalente direto na Europa, é o apelo aos militares. O chamado a uma intervenção militar é uma das mais fortes bandeiras em prol dos defensores do conservadorismo da Nova Direita (LÖWY, 2015).

Neste sentido, cabe-nos entender o que é o conservadorismo e o

neoconservadorismo, suas ideologias e de que forma têm influenciado a Educação brasileira, a partir das suas representações sociais.

CONSERVADORISMO E NEOCONSERVADORISMO

O conservadorismo teve origem nos séculos XVII e XVIII, durante as revoluções econômicas e sociais na Europa. Ainda assim, certos princípios do conservadorismo clássico foram ganhar dimensão "científica" com as sociologias de Comte (1798-1857), Spencer (1820-1903) e Durkheim (1858- 1917). Recebeu, posteriormente, a chancela da "ciência social", em que os valores e costumes conservadores foram elevados a conceitos. Assim, o positivismo impulsionou o sistema de ideias conservadoras e ainda as modificou, pois estabeleceu sua reconciliação com a sociedade capitalista recém-consolidada e sua institucionalidade dentro dos ordenamentos políticos (SOUZA, 2015).

Dando continuidade aos progressos históricos, durante o século XVIII, o conservadorismo se aprimorou em contraponto a teorias que se distanciaram da visão antropológica tradicional. Essas teorias que o conservadorismo buscou combater tendiam a uma evolução racional do homem, e estas implicavam o rompimento com a tradição vigente, tanto a nível cultural, como a nível político, indo contra o conceito dado pela ciência política de conservadorismo (BOBBIO, 1998).

Netto (2011) destaca que o nascimento do conservadorismo moderno pode ser uma reação ao Iluminismo e à Revolução Francesa, ficando aparente, por pensadores que defenderem o antigo regime, que seria um conservadorismo reacionário. Portanto,

a noção mais corrente de pensamento conservador (ou de conservadorismo) está imediatamente ligada ao verbo conservar: é a noção segundo a qual sempre queremos preservar aquelas coisas e ideias que valorizamos e em que acreditamos — ou seja: somos todos um pouco conservadores naquilo que nos diz respeito positivamente. Esta noção, lastreada no senso comum, não permite fundar qualquer reflexão que vá mais além dos limites do pensamento cotidiano, uma vez que, com sua ilimitada abrangência, não tem nenhuma potencialidade explicativa (NETTO, 2011, p.36).

Corroborando a este pensamento, Silva (2010) afirma que é comum as pessoas terem pensamentos conservadores, já que tendemos a rejeitar e resistir ao novo; logo, seria algo natural, não sendo, portanto, uma doutrina política, mas parte da essência natural do ser humano. Ainda, Scruton (2015) defende que o conservadorismo seria uma perspectiva que pode ser definida de forma dissociada de políticas partidárias, já que, em verdade, esta concepção teve sua origem na aversão àquelas, criando-se

assim, posteriormente, o Partido Conservador. As pessoas que se dizem conservadoras são aquelas que têm certeza de que herdaram algo de bom, uma ordem social, um sistema político, uma cultura e, com isso, buscam conservar esses valores querendo a manutenção das instituições sociais tradicionais.

Assim, a principal característica do conservadorismo é a de preservar as instituições políticas e sociais que se desenvolveram, ao longo do tempo, e são fruto dos usos, dos costumes e das tradições, defendendo a religião, a família e a escola como alicerce para que as mudanças sociais aconteçam de forma natural.

Ainda na busca pela definição do especto conservador, destaca-se que ele é estruturado no convencionalismo, submissão acrítica, agressividade autoritária, destruição e cinismo, poder e rudeza, superstição, exteriorização, projeção e sexo; e que estes elementos são explicados por Adorno (1950)⁸, em sua obra *A personalidade autoritária*.

De acordo com Huntington (1957), são três teorias sobre o conservadorismo: a aristocrática, a autônoma e a situacional. A definição *aristocrática* relaciona o conservadorismo a uma classe social particular (a aristocrática), em um contexto histórico específico de consolidação da burguesia. A teoria *autônoma* aceita que o conservadorismo se apresente em qualquer fase da História, desde que tenha determinadas características – defesa da religião, das tradições e da propriedade, por exemplo. A definição *situacional* argumenta que o conservadorismo existe em contextos específicos, de enfrentamento entre uma posição que quer mudanças fundamentais e outras que quer conservar as instituições vigentes.

Ainda percorrendo o caminho de buscar a historicidade dos fatos e fenômenos, sedimentados nas relações sociais e que tensionam as políticas educacionais, conceitua-se aqui os neoconservadores como sendo atores sociais que compõem a

⁸ A síntese dos nove pontos estruturantes são: 1. Convencionalismo - rígida adesão ao convencional, em especial aos ideais de tipo burguês; 2. Submissão acrítica: atitude remissiva e acrítica nas relações com autoridade de fundo moral ou liderança (ou ainda Estado); 3. Agressividade autoritária: pautada na vigilância do outro, controle, condenação e punição para quem violar as normas convencionais; 4. Destruição e cinismo: hostilidade difusa, desprezo por tudo que é humano; 5. Poder e rudeza: importância exagerada atribuída às dimensões “dominação-submissão”, “fraco-forte”, identificação com figuras de poder e narrativas de hierarquização como “nação mais forte do mundo, a raça mais pura, a única verdade etc”; 6. Superstição (crença mística nos destinos fatais do homem e indivíduo, propensão para raciocinar conforme esquemas pré-elaborados e categorias rígidas) e estereotipia (tendência de iludir a complexidade dos problemas mediante reduções simplistas); 7. Exteriorização: preferência por fatos tidos como concretos, tangíveis, claramente experimentáveis e oposição a tudo quanto é subjetivo e imaginativo; 8. Projeção: transferência de problemas interiores para o mundo exterior (ressentimento, frustrações, temores e responsabilidades); 9. Sexo: preocupação exagerada com a esfera normativa da sexualidade (ADORNO *et al.*, 1950, *apud* TEIXEIRA; POLO, 1975).

“Nova Direita”, no meio da crise de 1970, após o Estado do Bem-Estar Social. A “Nova Direita”, para Lima e Hypólito (2019), é fruto de uma aliança de quatro grupos políticos diferentes: os neoliberais, os neoconservadores, os populistas autoritários e a nova classe média profissional. Segundo Apple (2000, p.22):

os neoliberais constituem a liderança da Nova Direita e representam o grupo que se preocupa com a orientação político-econômica atrelada à noção de mercado. Os neoconservadores são aqueles que definem os valores do passado como melhores que os atuais e lutam pelas *tradições culturais*. Os populistas autoritários são, em geral, grupos de classe média e de classe trabalhadora que desconfiam do Estado e se preocupam com a segurança, a família, o conhecimento e os valores tradicionais. [...] Por fim, o grupo constituído pela nova classe média profissional está preocupado com a mobilidade social e tal segmento “pode não concordar totalmente com esses outros grupos, mas [...] [seus] interesses profissionais e progresso dependem da expansão de sistemas de prestação de contas, da busca da eficiência e de procedimentos gerenciais.

Destaca-se que a ideologia neoconservadora foi construída a partir de duas correntes, conservadorismo e libertarianismo, os quais se distinguem em vários aspectos, como: os libertários acreditam que o problema do mundo é a falta de liberdade individual, enquanto os velhos conservadores afirmavam que o totalitarismo é fruto do excesso de individualismo. Portanto, o neoconservadorismo designa um movimento, um modo de pensamento ou um conjunto de preferências que resulta desse movimento (MOLL, 2010), sendo uma aliança entre o conservadorismo e o neoliberalismo, marca indelével da Nova Direita brasileira, a qual se manifesta em nome da família, de Deus e da Pátria.

Entende-se que o retrocesso pelo qual a Educação brasileira passa, a partir de ações autoritárias e ideológicas do governo Bolsonaro, deixa claro, com suas coalizões políticas estabelecidas entre diferentes atores – religiosos e não religiosos –, visando manter a ordem patriarcal e o sistema capitalista, a demonização da instituição escolar, em especial, a pública, forjando-se no discurso político neoliberal e neoconservador da Nova Direita brasileira que se instrumentaliza e se materializa com *fake news*⁹, promovendo a alienação do povo brasileiro e incitando a polarizações que apenas contribuem para uma política segregadora, de bárbarie, antidemocrática.

⁹ Com a popularização e acesso facilitado aos meios de comunicação, o conceito de *fake news* ganhou forma. Empregado às notícias fraudulentas que circulam nas mídias sociais e na Internet, o conceito é aplicado principalmente aos portais de comunicação on-line, como redes sociais, sites e blogs, que são plataformas de fácil acesso e, portanto, mais propícias à propagação de notícias falsas, recurso utilizado pelos seguidores bolsonaristas de extrema direita. Exemplo é o movimento antivacinação, propagado por Jair Bolsonaro e seus seguidores, que são contrários ao uso de vacinas e espalharam conteúdos falsos alegando que as composições químicas das vacinas são prejudiciais à população.

O PENSAMENTO DA NOVA DIREITA SOBRE A EDUCAÇÃO

Desde as eleições de 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro, e porque não retomar o período do impeachment da presidente Dilma Roussef, em 2016, que foi um golpe de Estado que expressou a constância em defesa do latifúndio, da concentração de renda e de capital e, sobretudo, do capital financeiro, a sociedade brasileira tem sido marcada por um movimento de lutas simbólicas, empreitadas pela Nova Direita.

Uma Nova Direita que está em defesa da ordem e da hierarquia, em nome ao combate da corrupção, a valores familiares centrados na representação da família patriarcal e na minimização de reconhecimento dos direitos das minorias sociais, promovendo ataques à educação pública, à ciência e a toda forma de defesa de pensamentos democráticos, ferindo, assim, todo e qualquer processo educacional capaz de criar e manter uma sociedade baseada na dignidade e no respeito às diferenças.

Ainda, uma Nova Direita, entendida na figura do presidente da República e no seu grupo de apoio, o chamado Centrão com suas bancadas no Congresso Nacional, em prol do neoliberalismo e da burguesia em detrimento das reais necessidades do povo brasileiro, fomentando e fortalecendo as relações de dominação estabelecidas nos processos de produção capitalista.

Neste sentido, o processo de produção capitalista constitui-se em “uma maneira historicamente determinada de os homens produzirem e reproduzirem as condições materiais da existência humana e as relações sociais através das quais levam a efeito a produção” (IAMAMOTO; CARVALHO, 2008, p.30). Assim, o processo de produção e reprodução social não trata apenas da produção material, mas também da relação social existente entre pessoas e entre as classes trabalhadora e capitalista, as quais personificam determinadas categorias econômicas.

Portanto, reporta-se que o governo brasileiro alienou o povo de tal forma que sua política desastrosa fez com que o país voltasse a fazer parte do Mapa da fome, com uma concentração maciça de riqueza e de poder numa ponta da escala social concomitante ao empobrecimento crescente de todos os demais; enfrentasse a maior crise sanitária da história; com devastação ambiental sem precedentes, rasgando leis ambientais e perseguindo ambientalistas; aumento do desemprego; aumento da inflação; instalação de uma crise energética; o mercado financeiro com fuga de

investidores e quedas bruscas no mercado de ações por causa de discursos negacionistas proferidos pelo presidente Jair Bolsonaro.

A ideologia defendida pelo governo implantou ações na esfera política que reverberaram na Educação brasileira de forma avassaladora, levando a um retrocesso descomunal. Clarificadas pelo seu perfil autoritário, as falas e a política de Jair Bolsonaro são promotoras de um discurso de violência e polarização, populista, pautado em teorias conspiratórias e que geram instrumentos que materializam a ampliação da desigualdade no que se refere ao direito por uma formação da consciência crítica, não permitindo ao indivíduo processos educacionais que o ajudem a desvendar as contradições da coletividade.

Vejamos alguns exemplos: a implantação das escolas cívica militares, a lei da mordaza sustentada pelo movimento da Escola sem Partido, a intolerância social presente na discussão da Ideologia de Gênero nas escolas e acampada pelo governo, a supervalorização de projetos da Secretaria de Alfabetização que potencializam a literacia familiar como o Conta pra mim, e do Ministério de Educação fomentar a elaboração de currículos, de materiais e formação docente com cunho neoliberal, capitalista e negacionista de pauta conservadora e neoconservadora. Exemplo da lógica de privatização e ausência do Estado na questão da educação das crianças é o movimento da bancada governista no Congresso Nacional para aprovar a qualquer custo a legislação que legaliza o *homeschooling* no Brasil.

Ainda, em profunda crise da Educação por causa da Pandemia de COVID 19, o Ministério da Educação não usou os recursos disponíveis para estruturar as escolas para a volta da educação presencial e publicou uma cartilha para orientar a educação domiciliar externando, assim, que é essencial que as famílias – e majoritariamente as mulheres – passem a se responsabilizar por essa atividade. Soma-se, também, ao tempo da Pandemia a demora do Ministério da Educação em articular uma política de nação que apoiasse os Estados, Distrito Federal e municípios para a retomada das aulas presenciais, deixando milhões de crianças e jovens por meses sem acesso ao direito subjetivo que é dever do Estado: a Educação.

Corroborando a este contexto, no campo da Educação, o governo Bolsonaro instituiu, em 30 de setembro de 2020, a Política Nacional de Educação Especial que desconsidera todos os avanços da Educação Inclusiva e retoma as escolas de Ensino Especial. Além disso, é preciso sinalizar a letargia do governo para com que as metas do Plano Nacional de Educação sejam atingidas até 2024, a votação morosa, e cheia

de “conchavos políticos do Centrão”, da lei do FUNDEB pelo Congresso, além da falta de políticas públicas assertivas que retomem o interesse dos estudantes pelos cursos de licenciatura que enfrentam um “apagão” de procura por vagas no Ensino Superior, o discurso do ministro da educação, Milton Ribeiro, em 2020, dizendo que Ensino Superior é para poucos, o total abandono de incentivos para a Pesquisa, Extensão, acesso e permanência no Ensino Superior e, recentemente, o Projeto Future-se, que estimula a mercantilização da Educação brasileira, desresponsabiliza o Estado do financiamento das universidades e compromete a autonomia das instituições de Ensino.

Neste sentido, o país vive um governo que representa uma classe dominante burguesa de extrema direita que sempre se manteve antinacional, antipovo e antieducação pública, universal, gratuita e de qualidade para a maioria da classe trabalhadora e que traz na figura de seu presidente uma postura messiânica, populista, antidemocrática, negacionista e que em nada contribui para o desenvolvimento da ciência e da Educação.

A partir do contexto apresentado, sistematiza-se o discurso ideológico da Nova Direita a favor de uma Educação Brasileira Neoconservadora no quadro-síntese abaixo:

Nova Direita	Quem são	Defendem como ideologia¹⁰	Pensam sobre a Educação
	Conservadores Neoconservadores Apoiam o governo do presidente Bolsonaro no que se refere à pauta de costumes, interesses do agronegócio, do	Ordem moral cristã, Família patriarcal, Recomposição do tecido social mantendo o <i>status quor</i> de uma elite burguesa branca, Demonização de temas como: aborto, marxismo cultural,	Valorizar a Meritocracia por meio de avaliações de larga escala que desconsiderem os currículos locais, a realidade das comunidades educativas e as diferenças de acesso à Educação,

¹⁰ Entende-se no quadro como ideologia: um jogo linguístico que ao ser acolhido pelos seus receptores, tornar-se-á um sentido de cunho conservador, que tem sido utilizado por reacionários amplamente como ferramenta da mobilização política contemporânea (JUNQUEIRA, 2016).

	<p>capital de mercado e interesses particulares, tais como: armamento, <i>homeschooling</i>, diminuição de direitos sociais de minorias, entre outros.</p> <p>Estão organizados em Centro, Direita e Extrema-direita.</p> <p>No Congresso se unem em pautas comuns por meio de Frentes e Bancadas.</p>	<p>globalismo e ideologia de gênero,</p> <p>Ataque às minorias, aos direitos humanos, à esquerda, ao pensamento científico (em especial às ciências humanas e sociais) e uma suposta doutrinação nas escolas e universidades,</p> <p>Política de Armamento incitando a violência,</p> <p>Ideias neoliberais de desresponsabilização do Estado com a Educação e com políticas de bem estar social,</p> <p>Ódio à esquerda e todos seus representantes, exemplo: busca pelo extermínio das ideias de Paulo Freire.</p>	<p>Defendem que escola pública tem sido incapaz de garantir um ensino de qualidade;</p> <p>Valorização do discurso da moral cristã e das ideias conservadoras nos currículos, como, por exemplo, a teoria criacionista em detrimento da teoria do evolucionismo,</p> <p>Alfabetização pelo método fônico, de forma descontextualizada e da literacia familiar,</p> <p>Discurso conservador e neoconservador de direita e extrema direita e a ampliação de Escolas Cívicas Militares,</p> <p>Desmantelar a Educação pública, desobrigando o Estado,</p> <p>Valorizar e responsabilizar a família por direitos básicos que são obrigação do Estado,</p>
--	--	--	---

			<p>por exemplo, a legalização do <i>homeschooling</i>,</p> <p>Pensamento Contrário ao pensamento científico, em especial às ciências humanas e sociais,</p> <p>Ensino por competências para atender as demandas neoliberais do mercado,</p> <p>Fortalecimento do Ensino Profissionalizante em detrimento ao Ensino Superior,</p> <p>Valorização do EAD na Educação Básica e no Ensino Superior, privilegiando os grandes investidores do mercado educacional.</p> <p>Política Nacional de Educação Especial com a retomada das Escolas de Ensino Especial.</p> <p>Projeto Future-se, que desresponsabiliza o Estado do financiamento</p>
--	--	--	--

			das universidades e compromete a autonomia destas.
--	--	--	--

Quadro elaborado pela autora a partir das leituras realizadas, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tem como temática o discurso da Nova Direita e as ações do governo Bolsonaro a favor de uma Educação Brasileira Neoconservadora. Assim, trouxe a baila o que é a Nova Direita, sua ideologia e de que forma tem, por meio do governo Bolsonaro, influenciado as políticas educacionais.

A hipótese foi comprovada demonstrando que a Nova Direita é composta por políticos conservadores e neoconservadores, que defendem ideias alicerçadas nos valores morais cristãos, neoliberais e de cunho tradicional, e que se unem em pautas comuns no Congresso, articulando ações conjuntas que gerem maioria nas votações pautadas na casa. Assim, elegeram e estão unidos ao governo do atual presidente Jair Bolsonaro para fomentar sua ideologia, manter o *status quor* de uma elite historicamente dominante no Brasil e se utilizam da Educação como instrumento de manipulação, massificação e doutrinação do povo, submetendo-o a cegueira política e sobre o seu controle para atender interesses do capital neoliberal.

Destaca-se que a nova direita, que influencia e é influenciada por Jair Bolsonaro, tem o apoio do grande capital financeiro, de empresários do agronegócio e de expressão no mercado, de denominações religiosas cristãs (evangélicos pentecostais e neopentecostais e católicos carismáticos e da linha tradicional da igreja), de parte de uma população cegamente manipulada, por meio de *fake news*, que seguem o presidente como um “Messias”. Assim, o discurso do presidente da república se mistura ao discurso da Nova Direita, trazendo as marcas do conservadorismo, neoconservadorismo, neoliberalismo e de desconstrução da sociedade democrática.

Este estudo pode e deve ser ampliado para aprofundar o sentido da importância de uma Educação democrática e libertadora, para que seja dado luz ao retrocesso imputado a Educação quando um governo e um movimento social negam o conhecimento científico em consonância com a tentativa de manipulação de um povo pelo discurso conservador, religioso e moral.

Conclui-se que a Nova Direita brasileira e o governo Bolsonaro, seu maior

representante político, impetram a Educação um discurso de: exclusão e intolerância, de apelo ao nacionalismo e à homogeneidade, onde saber ler, escrever, fazer conta e atender as habilidades exigidas pelo mercado bastam para a formação da classe trabalhadora, do moralismo religioso cristão, da defesa da propriedade privada e do combate ao comunismo.

Portanto, é uma defesa de uma Educação alicersada no conjunto de antivalores para o convívio em uma sociedade democrática em que as políticas sociais são disponibilizadas à sociedade, pela Nova Direita na dimensão da concessão, onde, o Estado e o Capital se assentam como bem-feitores. Neste sentido, para o governo Bolsonaro e a Nova Direita, as políticas sociais têm cunho meritocrático, assistencialista, mercantilizam os direitos sociais, que passam a ser vistos como bens e serviços, e a Educação é um instrumento ideológico e de manipulação da massa.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Política cultural e educação**. Tradução de José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 2000.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Unesp, 1995.

_____. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora UNB, 1998. Disponível em: <file:///C:/Users/Duda%20Castro/Downloads/Norberto-BobbioDicionario-de-Politica%20(1).pdf >. Acesso em: 03 jan. 2022.

CARTA CAPITAL. Entenda a origem e a trajetória do ‘Centrão’, que hoje apoia Alckmin. **Revista Carta Capital**, São Paulo, 23 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/entenda-a-origem-e-a-trajetoria-do-centrao-que-hoje-apoia-alckmin/>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Religião e política**: ideologia e ação da Bancada Evangélica na Câmara Federal. 2011. 350 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ECO, Umberto. Jornal Folha de S. Paulo, "Caderno Mais!". São Paulo, 14 mai. 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Escola "sem" Partido**. Rio de Janeiro, LPP/UERJ, 2017.

_____. A educação e o avanço da nova (ou extrema?) direita no Brasil: entrevista com Gaudêncio Frigotto. **Roteiro**, Joaçaba, v. 45, p. 1-14, jan./dez. 2020. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23215/15681>>. Acesso em: 07 jan. 2022.

HUNTINGTON, Samuel. Conservatism as an ideology. **The American Political Science Review**, v. 51, n. 2, p. 454-473, 1957.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. 'Ideologia de gênero': uma categoria de mobilização política. In: Márcia Alves da Silva (Org.). **Gênero e diversidade**: debatendo identidades. São Paulo: Perse, 2016, p.229-245.

LIMA, Iana Gomes de; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. **Revista da Faculdade de Educação da USP - Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, e190901, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/DYxJyKYs6XjMBSrD6fwbJx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e Extrema-direita na Europa e no Brasil. Tradução de Deni Alfaro Rubbo e Marcelo Netto Rodrigues. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez Editora Ltda. n. 124, p.652-664, out./dez. 2015. Versão on-line ISSN: 2317-6318. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>>. Acesso em: 03 jan. 2022.

MALLMANN, Loivo José; BALESTRIN, Nádia Luzia; SILVA, Rodolfo dos Santos. **Estado e Políticas Sociais no Brasil**: avanços e retrocessos. Curitiba: InterSaberes, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4ª ed. - São Paulo: Editora Atlas, 1992, p.43-44.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade**

e Estado, Vol. 32, N. 3, Set./Dez. 2017. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/se/a/KP5Fw74VrvfByjxRpHfKbRS/?lang=pt#>>. Acesso em:
04 jan. 2022.

MOLL, Roberto. **Reaganetion**: a nação e o nacionalismo (neo)conservador nos Estados Unidos (1981-1988). 2010. 265 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

NETTO, Leila Escorsim. **O conservadorismo clássico**: os elementos de caracterização e crítica. São Paulo: Cortez. 2011

POLO, J. B. de C. T. A. **A personalidade autoritária**. Componentes e gênese psicológica. Arquivo brasileiro de Psicologia aplicada, Rio de Janeiro, 27(4): 47-69, out./dez. 1975.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da Diferença. **Tempo Social**, v. 2, n. 2, p.7-37, 1990.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (Org.). **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p.31-79.

SILVA, Antonio Ozaí da. O Pensamento Conservador. **Revista Espaço Acadêmico**, Universidade Estadual de Maringá, nº 107, abr. 2010.

SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo?** São Paulo: É Realizações, 2015.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. O conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação. **Serv. Soc. Soc.**, 2015. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-66282015000200199&script=sci_abstract&tlng=pt> . Acesso em: 03 jan. 2022.